

Contradição do Regime

9. IX. 58

Raul Pilla

O ATUAL presidente dos Estados Unidos, Dwight Eisenhower, foi eleito pelo Partido Republicano. Com as eleições legislativas, há poucos dias realizadas, os demócratas passaram a dominar ambas as Casas do Congresso. Temos, assim, que o Poder Executivo se exerce por um dos dois tradicionais partidos e o Legislativo é orientado pelo que se lhe opõe.

Cabe explicar aqui que o mandato dos deputados corresponde à metade do período presidencial. Mas, ainda quando simultâneas sejam as eleições para os dois ramos do Poder, pode ocorrer, e tem ocorrido, a dis-

cordância partidária entre eles: presidente, de um partido; maioria em uma, ou em ambas as Casas do Congresso, de outro partido.

Assim, onde o sistema presidencial não se reduz, por debilidade ingênita do Legislativo, a simples ditadura do Poder Executivo, são inevitáveis os conflitos. E cada conflito é uma contradição no regime democrático representativo, pois o que este exige é que o governo se exerça de acôrdo com a maioria da Nação. E' indubitável, no caso, que esta, depois de ter estado com os republicanos, passou agora para os demócratas. Apesar disto, o governo conti-

nuará com os republicanos, pelo menos até a expiração do mandato de Eisenhower.

Se, do ponto de vista político, isto representa uma contradição grave, do ponto de vista meramente administrativo tem conseqüências verdadeiramente danosas. Não tendo o governo como obter aprovação para a sua política, fica paralisada a administração pública, enquanto nova eleição não vier resolver o conflito. Dir-se-lhe que o presidencialismo se compraz em acumular dificuldades ao exercício da democracia. Se os Estados Unidos têm conseguido superá-las, graças às excepcionais virtudes do seu povo, nos demais países presidencialistas da América simplesmente ruinosos têm sido os resultados. Em verdade, não há democracia nestes países talados pelo caudilhismo.

Tomando por exemplo o país mais afim dos Estados Unidos — a Inglaterra — vejamos o que sucede no sistema parlamentar. No momento exato em que as eleições representativas deram maioria aos trabalhistas, trabalhista passou a ser o governo. E quando, decorridos alguns anos, os conservadores venceram os trabalhistas, conservador tornou-se o governo. A hipótese de um governo sem maioria parlamentar é absurda no sistema e, por absurda, impossível. Automático é o ajustamento do governo à opinião política da maioria.

Isto é democracia, mas, por isto mesmo, encontra tanta resistência neste país derrancado pelo mandonismo, que o presidencialismo só tem feito cultivar.